

Linguagem, linguagens

Júlia Almeida⁴⁰

RESUMO

Com o objetivo de expor pontos de vista que foram relevantes para o entendimento dos usos da linguagem, iremos inseri-la entre os diferentes sistemas de comunicação de modo a discutir seu papel na vida social, bem como revisar sua função constitutiva da experiência mental humana, procurando apontar a complementariedade dessas abordagens.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem; comunicação; vida social; pensamento.

ABSTRACT

With the aim of exposing two points of view about language, we review theories on different species of communication systems and discuss ideas about the constitutive role of language in human mental life, trying to point out the complementarities of both views of language.

KEY WORDS: Language; communication; social life; thought.

Na busca de respostas para a instigante pergunta *o que é homem?* já se formulou uma resposta que diz respeito diretamente a nós, estudiosos da linguagem: mais do que um *Homo sapiens* ou homem racional, o homem seria um *Homo loquens*, isto é, um homem falante, pois teria na linguagem verbal a sua principal característica. Segundo essa concepção, devemos ao dom da fala a nossa humanidade e é ela que nos distinguiria mais particularmente das outras espécies animais⁴¹.

⁴⁰ Professora Adjunto I do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo. - Ufes

⁴¹ Ver *Homo Loquens – O homem como animal falante* (FRY, 1978).

Sem querer aprofundar em debate tão amplo, gostaria apenas de chamar a atenção do leitor para este fato que nos é dado tão naturalmente e sobre o qual pouco refletimos: a linguagem humana, um tema que há muito tem desafiado a compreensão humana e para o qual não há (felizmente) um entendimento único. Mesmo o conhecimento científico, por mais objetivo e neutro que procure ser, não produziu uma resposta única e definitiva, mas diferentes abordagens da linguagem, que procuraram dar conta da complexidade dos fenômenos lingüísticos e dos vários aspectos aí implicados. Veremos a seguir dois modos de compreender a linguagem: como instrumento da comunicação/socialização humanas e como atividade constitutiva do próprio pensar. É importante lembrar que uma compreensão mais diversa e ampla da linguagem é o caminho chave para acessar outros conhecimentos, sejam literários, semiológicos, antropológicos, pedagógicos etc.

1.1 Linguagem instrumento

Não conhecemos com precisão, e talvez não conheçamos nunca, os detalhes da história das transformações estruturais dos hominídeos. Infelizmente, a vida social e lingüística não deixa fósseis e não é possível reconstruí-la. O que podemos dizer é que as mudanças nos primeiros hominídeos, que tornaram possível o aparecimento da linguagem, têm a ver com sua história de animais sociais, de relações interpessoais afetivas e estreitas, associadas à coleta e à partilha de alimentos (MATURANA, H. R.; VARELA, F.J,1995, p. 240).

Para entendermos o papel essencial da linguagem como veículo da comunicação humana, é interessante dar à palavra aos *antropólogos*⁴² e aprender com eles que a comunicação é uma propriedade fundamental da vida. Os seres vivos em geral, e não apenas os seres humanos, têm na troca de mensagens a chave para a manutenção do contato entre os membros de um grupo. Assim, as formigas são capazes de assinalar às suas congêneres, isto é, a outros membros da

⁴² A antropologia é uma área que estuda os grupos humanos e sua diversidade cultural. Os ensinamentos propostos neste tópico foram extraídos de *Antropologia e Comunicação: princípios radicais* (RODRIGUES, 1989).

mesma espécie, o local exato onde encontraram alimentos por meio de uma substância química, cujo odor pode ser seguido pelas outras como se fosse um rastro; patos emitem piados avisando aos demais quando há inimigos; plantas trocam pólenes entre si, sob ação do vento. Os exemplos são os mais diversos e numerosos e muitos são os fenômenos de captação e processamento de informação que garantem o contato dinâmico entre os membros de uma espécie. Uma experiência realizada de “bagunçar” o sistema de comunicação das formigas, simplesmente destruiu o formigueiro. Há, na própria natureza, uma relação estreita entre relações sociais e comunicação.

Mas se a comunicação é comum a todos os seres vivos, o que seria específico da comunicação humana? Uma diferença importante apontada pelos estudos antropológicos e biológicos estaria no modo como as mensagens são trocadas no caso dos animais em geral e no universo humano: os primeiros se comunicariam por meio de *sinais* (sistemas de odores, de colorações, de secreções, de sons, entre outros) que residem em cada organismo particular da espécie e são geneticamente programados. São, portanto, condutas comunicativas inatas (nascem com cada membro ou indivíduo da espécie) e dependem exclusivamente da programação genética da espécie. Cada indivíduo estaria isoladamente apto a emitir ou receber os sinais de sua espécie, mesmo que não tenha convivência social com os demais membros. Pesquisas comprovaram isso isolando desde o nascimento membros de uma espécie e verificando que esses seres são capazes de atingir comportamentos e habilidades idênticas a de seus *congêneres* criados em liberdade.

Constatamos diferenças importantes entre a comunicação animal por sinais e a comunicação humana, quando percebemos que o ser humano se utiliza de *signos* convencionados pela sociedade para sua comunicação: a mão-fechada-com-o-polegar-levantado tem, em nossa sociedade, o significado de que está tudo bem; também a cor branca é um signo compartilhado culturalmente que indica a paz, assim como

[...] a cruz, o piscar-de-um-olho, a balança, as palavras... são *socialmente programados*, dependem de convenções

estabelecidas entre os indivíduos que constituem o grupo. Ser humano algum está apto a participar da rede de comunicação formada por seus semelhantes pelo simples fato de ter nascido: ser-lhe-á necessário conviver com o grupo, introduzindo nele, embebendo-se dele (RODRIGUES, 1989, p. 30).

Saberíamos que a balança é o símbolo da justiça ou que o branco é o símbolo da paz se não tivéssemos contato com outros membros de nossa cultura que assim os convencionou? Basta lembrar que sociedades codificam diferentemente o significado das cores, de modo que o branco, que significa paz na nossa cultura, pode significar outra coisa para pessoas inseridas em outras sociedades.

Lembramos que a acepção de cultura que acionamos aqui é a antropológica, em que cultura significa simplesmente o somatório de valores, comportamentos e crenças transmitidos coletivamente que caracterizam uma sociedade. Cada sociedade teria, assim, a sua própria cultura e não está implicado aí nenhum julgamento de valor quanto à qualidade estética ou intelectual das suas artes, da sua literatura, das suas instituições. A cultura seria todo o mundo inventado pelo homem, transformável no tempo e no espaço, pois diferentes sociedades produzem culturas diferentes (cultura brasileira, cultura *nagô* etc.). A diversidade cultural é característica do ser humano, assim como o é a diversidade lingüística.

Resumindo: à diferença dos códigos de sinais que os demais animais podem usar para a comunicação, os seres humanos têm uma margem maior de independência das programações orgânicas, podendo convencionar socialmente os signos para sua comunicação, que devem ser necessariamente adquiridos por cada ser humano através da convivência com seus semelhantes.

É nesse terreno da comunicação e da cultura humana – por meio de signos – que se insere a linguagem verbal: as palavras são signos convencionados. As diferentes línguas naturais dão prova de que os signos lingüísticos são convencionados socialmente, pois diferentes sociedades criaram e criam diferentes línguas (só no mundo atual o número de línguas existentes ultrapassa o número de três mil línguas). E embora se saiba que o conhecimento lingüístico

depende também de uma programação genética ou biológica, não há dúvidas de que o conhecimento da própria língua seja culturalmente transmitido e apreendido em virtude de sermos membros de uma determinada sociedade e de interagirmos com ela.

1.1.1 Linguagem animal?

Se podemos dizer que há comunicação animal através de sistemas de sinais, não podemos dizer que há linguagem animal no mesmo sentido que falamos de linguagem humana, ou seja, como um sistema de signos convencionais.

Pesquisas feitas em sociedades de abelhas (BENVENISTE, 1991) mostraram que, apesar de estas terem uma complexa organização social e de apresentarem um detalhado sistema de mensagens através de danças pelo qual uma abelha indica ao grupo fontes de alimento, seu sistema de comunicação contrasta com o humano

- pela fixidez dos conteúdos das mensagens (a única mensagem é a fonte de alimento, enquanto nosso sistema transmitiria conteúdos ilimitados);
- pela transmissão unidirecional da informação (não há diálogo ou resposta);
- pela impossibilidade de se decompor seus elementos em unidades menores sem significação, como as unidades mínimas da língua, os fonemas (/p/, /b/), que em si nada significam;
- pela referência exclusiva ao que foi visto por experiência (as abelhas que receberam a mensagem pela dança não podem repassá-la adiante).

Experimentos com outros animais foram feitos para comparar a comunicação humana e animal. Um casal nos EUA conhecido como os Gardner “ensinou” um macaco, Washoe, a utilização de cerca de duzentos signos de um idioma gestual utilizado pelos surdo-mudos, com os quais podia inclusive “formar frases” (alguns gestos equivaliam às funções de verbos, adjetivos e substantivos da linguagem falada). Poderíamos a partir daí concluir que os macacos teriam uma linguagem convencional? Ou que simplesmente podem se adaptar a esse

tipo de linguagem quando são forçados a isso? Poderia Washoe fazer o mesmo com seus congêneres, natural e espontaneamente?

A resposta à pergunta *existe linguagem animal?* continua sendo negativa, mesmo quando nos aproximamos de animais que parecem depender de uma certa convivência com os congêneres para o desenvolvimento pleno das habilidades comunicacionais, como ocorre com alguns pássaros que para cantar corretamente devem ouvir o canto de aves adultas. Nada que nos autorize ainda a falar em linguagem propriamente. No entanto, podemos dizer que a tendência a afirmar uma distância radical entre a capacidade comunicativa dos homens e dos outros animais tem sido abrandada. Podemos pensar, por exemplo, que entre o *signal* e o *signo* não há um vazio, uma oposição absoluta, mas gradações, combinações. O homem estaria apenas no ponto extremo de uma linha que ensaiou na natureza inúmeras formas de comunicação até chegar à linguagem humana, sistema complexo que corresponde a uma vida social igualmente complexa.

Por isso, ao nos referirmos à “linguagem” das abelhas ou de outros animais, é coerente manter a palavra entre aspas, como cuidado necessário que se deve ter à medida que se vai alcançando uma compreensão mais aprofundada da linguagem humana.

1.2 Linguagem constitutiva

Este papel de instrumento de comunicação, que consideramos ao longo de todo o tópico anterior, não foi o único atribuído à linguagem e só passou a ser considerado de fato a partir do início do século XX, com a valorização apontada por Ferdinand de Saussure da função da linguagem como ferramenta da vida social. Essa concepção comunicativa da linguagem foi, na realidade, uma ruptura em relação às investigações anteriores que compreendiam a linguagem quase que exclusivamente em relação ao pensamento e sua representação. É o que veremos agora.

Desde a antiguidade os homens viram no estudo da linguagem e das línguas um modo de apreender as operações do pensamento, considerado como principal atividade do

espírito humano. Aristóteles, ao investigar o raciocínio e a forma de atribuição de propriedades aos objetos (por meio de categorias do pensamento, tais como *substância, ação* etc.), acabou por constituir as bases para a classificação das categorias lingüísticas – substância/substantivo, ação/verbo etc.

Chama-se concepção *especulativa* da linguagem aquela que afirma ser a linguagem uma imagem, uma imitação do pensamento. Essa concepção teve grande impulso no *século XVII*, com os gramáticos de Port-Royal, e posteriormente no *século XVIII* com seus seguidores, que afirmaram que a função essencial da linguagem e das línguas seria a representação do pensamento. Para eles, o que todas as línguas teriam em comum é permitir aos homens “significar”, dar a conhecer seus pensamentos. Na organização da frase estaria o poder da linguagem de representar o pensamento lógico, e as categorias de palavras corresponderiam aos momentos fundamentais do pensamento lógico: o juízo consiste em atribuir uma propriedade (predicado) a uma coisa; as línguas comportam palavras para designar as coisas (substantivos), as propriedades (adjetivos) e o próprio ato de atribuição (verbos). Ainda no *século XIX*, entre os *comparatistas*, predominou esta visão de que o espírito humano podia representar-se fielmente nas línguas, mesmo que as línguas com o tempo tivessem se corrompido e já não apresentassem tão perfeitamente sua finalidade.

O século XX trouxe uma renovação nas reflexões sobre a relação entre pensamento e linguagem. Que exista entre eles uma solidariedade, não há dúvidas. Mas que tipo de relação é essa? Seria correto afirmar que a linguagem simplesmente espelha o pensamento, entendido como um conteúdo que lhe é distinto e prévio?

Vejamos o que disse Saussure, no início do século XX: “tomado em si, o pensamento é como uma nebulosa onde nada estaria necessariamente delimitado. Não existem idéias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua” (1972, p. 130). Inclusive um pouco antes de Saussure já se nutria a idéia de que a linguagem não seria, assim, um mero receptáculo passivo do pensamento, mas ela é também agente no processo de dar forma ao conteúdo do pensamento: Como predisse o lingüista W. Humboldt, ainda no final do

século XIX, a linguagem “não é somente esse veículo externo, destinado a manter o intercâmbio social, mas um fator indispensável ao desenvolvimento do poder intelectual do homem e para que tenha acesso a uma visão do mundo” (HUMBOLDT *apud* FRANCHI, 1992, p. 28).

Esta será a tônica da relação entre linguagem e pensamento que muitos lingüistas do século XX irão afirmar: mais do que uma função representativa, a linguagem tomaria parte da própria elaboração do conhecimento de si e do mundo, participando do processo ativo em que organizamos e informamos nossas experiências, nossa nossa visão de mundo e nossa cultura.

Considerações Finais

Fizemos uma visita a dois modelos de entendimento da linguagem: primeiro, a situamos em relação a seu uso social, como instrumento de comunicação. Nesse sentido, a linguagem se aproxima de uma ação verbal determinante na troca humana. Para melhor entendermos o papel da linguagem no complexo mundo da comunicação humana, procuramos diferenciar a comunicação humana de outras formas de comunicação e vimos na distinção entre sinal/signo um modo de compreendermos a passagem da comunicação animal ao universo simbólico humano, socialmente convencionado, em que ganha sentido a diversidade cultural e lingüística. Linguagem e cultura são, assim, matérias bem próximas na configuração de nossa humanidade. A seguir, percorremos os marcos do entendimento que atribui função à linguagem a partir de sua relação com o pensamento: da função representativa – que muitos estudiosos lhe reservaram ao longo dos séculos – até os estudos do início do século XX que entenderam a linguagem como agente na elaboração do pensamento e da consciência, dando-lhe forma e emprestando-lhe sua estrutura. Nesse sentido, linguagem e pensamento se configurariam como trabalho incessante que daria forma ao conteúdo variável de nossas experiências.

Estas duas tendências convivem nos estudos lingüísticos que enfatizam ora a ação comunicativa ora a ação constitutiva da linguagem ora sua interface. Pesquisadores recentes exploram exatamente essa interrelação: é ao mesmo tempo

que o aparecimento da linguagem cumpre papel na cooperação e sociabilidade humanas e que gera o fenômeno inédito do mental e da autoconsciência como a experiência mais íntima do ser humano (MATURANA; VARELA, 1995). Como compreendeu *Robinson Crusóé*, ao manter um calendário e ler a Bíblia todas as noites, e também o personagem do filme *Naúfrago*⁴³, que possuía um boneco com quem conversava, é a rede de interações lingüísticas que faz de nós o que nós somos.

Sugestão de atividade complementar

Ver e discutir o filme *A Guerra do Fogo*⁴⁴, levando em conta todo o conteúdo aqui apresentado e especialmente a seguinte afirmação: “não conhecemos com precisão, e talvez não conheçamos nunca, os detalhes da história das transformações estruturais dos hominídeos. Infelizmente, a vida social e lingüística não deixa fósseis e não é possível reconstruí-la. O que podemos dizer é que as mudanças nos primeiros hominídeos, que tornaram possível o aparecimento da linguagem, têm a ver com sua história de animais sociais, de relações interpessoais afetivas e estreitas, associadas à coleta e à partilha de alimentos” (MATURANA, H. R.; VARELA, F.J,1995, p. 240).

Referências Bibliográficas

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas: Pontes, 1991.

FRANCHI, Carlos. Linguagem – Atividade Constitutiva. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 22, p. 9-39, 1992.

⁴³ Personagem do livro de mesmo nome de Daniel Defoe que narra as aventuras de um náufrago numa ilha deserta. Essa idéia foi revisitada no filme *Náufrago* (*Cast Away*, de Robert Zemeckis, 2000).

⁴⁴ *A Guerra do Fogo*. Quest for Fire, 1981, França e Canadá. Direção: Jean-Jacques Annaud. Com: Everett McGill, Rae Dawn Chong, Ron Perlman.

FRY, Dennis. *Homo Loquens* – O homem como animal falante. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LYONS, John. *Lingua(gem) e Lingüística – uma introdução*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

MATURANA, H. R.; VARELA, F.J. *A Árvore do Conhecimento – As bases biológicas do entendimento humano*. Campinas: Psy, 1995.

RODRIGUES, José Carlos. *Antropologia e Comunicação: princípios radicais*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1972.